

ARTIGOS CIENTÍFICOS

A LEITURA DE FRUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS

Rosângela Bressan Buosi (UNIPAR)
Analides Flávia Caruso (G UNIPAR)
Lazara Pereira Lavagnini (G UNIPAR)
Marilza de Barros Quintino Silva (G UNIPAR)
Maria Célia Megda (G UNIPAR)
Maria Emília de Araújo Sousa (G UNIPAR)
Maria Márcia Moreira Garrutt Kamal (G/UNIPAR)

RESUMO: As práticas desenvolvidas em uma sala de aula fundamentalmente baseiam-se na leitura e escrita de textos, independentemente do conteúdo que esteja sendo estudado. Os professores se queixam que os alunos não gostam de ler e nem de produzir textos, no entanto percebe-se que poucos estimulam a leitura de fruição. Também, mais da metade dos alunos que terminam o Primeiro Segmento do Ensino Fundamental não desenvolveram as competências básicas da leitura e escrita. Assim, este artigo objetiva apresentar dados e reflexões sobre a prática educativa com o intuito de apontar meios para a formação de alunos leitores e produtores de textos.

PALAVRAS CHAVE: leitura de fruição; alunos leitores e produtores de textos.

ABSTRACT: The practices developed in a classroom are fundamentally based in the reading and writing of texts, independent of the context is being studied. The teachers complain about students, that they don't like to read or to produce texts, although it is realized that few of them stimulate the fruition read. Also, more than half of the students who finish the First Section of Fundamental Education didn't developed the basic abilities of reading and writing. So, this article objectives to show information and reflections about the educative practice with the intuit of point out ways to the development of reading and text producer students.

KEY WORDS: Fruition read; reading and text producer students.

INTRODUÇÃO

Durante séculos as palavras alfabetizado e analfabeto foram usadas para classificar as pessoas que sabiam ou não ler e escrever. Com o passar do tempo esses dois conceitos ficaram insuficientes para a classificação de pessoas quanto ao uso que fazem da leitura e escrita. Assim, surgiu a palavra letramento para designar o fenômeno no qual as pessoas aprendem a ler e escrever, mas não incorporam em sua prática social a leitura e a escrita, não se tornam competentes para usá-las. Segundo Soares (1998), letramento significa “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

O Pisa, Programa Internacional de Avaliação de Alunos, em 2001, aplicou uma avaliação a uma amostra de adolescentes com 15 anos de idade em 41 países. Numa escala de 0 a 800 pontos, os 4.800 adolescentes brasileiros que participaram da avaliação, na prova de leitura obtiveram a nota média de 396 pontos. Nesta prova o Brasil ficou à frente apenas da Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru. Mas esse problema não é exclusivo de adolescentes que estão terminando o Ensino Fundamental. Alunos das séries iniciais também estão em situação semelhante. Em pesquisa realizada em 2001 pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), constatou-se que 59% dos estudantes da quarta série do Ensino Fundamental ainda não desenvolveram as competências básicas da leitura. Cerca de 980.000 não sabem ler, e mais de 1.600.000 são capazes de ler apenas frases simples. (Fonte: MEC/INEP, SAEB, 2001)

Baseado nesses dados o Ministério da Educação criou programas que buscam melhorar o desempenho das crianças que concluem os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, dentre outras providências, o Ministério apoiará programas de letramento. Sendo um dos objetivos da educação básica, que o aluno seja capaz de usar a leitura e a escrita em qualquer situação cotidiana, por que isso não acontece? Por que não se tem atingido, na sua totalidade, o objetivo de tornar a criança leitora e produtora de textos em suas atividades diárias? Por que entre as principais queixas de professores, desde os do ensino fundamental até os de universidades, a que se destaca é a que a grande maioria dos alunos não se interessa por leituras e têm grandes dificuldades na produção de textos? Por que até alunos considerados como bons leitores necessitam de esforço muito grande para a produção de textos? E leituras consideradas agradáveis para alguns, parecem um tormento para outros? De alguma forma este fato estaria relacionado com a interação social, a autonomia intelectual do aluno e a funcionalidade das atividades escolares?

Ler para gostar de ler

Algumas considerações devem ser levantadas a respeito da dinâmica nas salas de aula, pois é nelas onde se sistematiza o ensino, é na escola e através dela que se forma o aluno leitor e escritor. A primeira refere-se ao conteúdo que a criança irá aprender na escola. Sendo um ser social, a criança no seu dia a dia interage com textos do mundo letrado. Percebe que estes têm uma função social - placas, rótulos,

histórias, cartas ou anotações. Na escola, nas aulas de Português, o professor compartimenta o ensino e passa a ensinar Gramática, Redação, Leitura-compreensão- interpretação de textos.

Outra questão que deve ser considerada é o método utilizado pelo professor. Muitas teorias ou filosofias têm influenciado a educação. Documentos e referenciais curriculares para a confecção de matrizes curriculares, projetos e planos de aula são elaborados levando em consideração o que estas teorias dizem. Entretanto, nas salas de aula percebe-se uma miscelânea de teorias confusas onde fica difícil determinar a quem atribuir o sucesso na aprendizagem. Muitos professores que dizem aplicar o socio-constructivismo, vez ou outra regressam ao que é conhecido - os métodos tradicionais. Busca construir sua própria maneira de trabalhar mesclando o que lhe é cobrado pela instituição com o que já conhece por experiência própria. O que significa, nem sempre haver preocupação em promover a interação social e formar a autonomia intelectual nos alunos, visto que ambientes de ensino tradicionais não desencadeiam ações autônomas nas crianças.

Essa autonomia intelectual é a de governar a si mesmo, ter critérios para julgar o que está certo ou errado, independentemente de punição, pensar de maneira autônoma. É nesse ambiente, onde quem julga e toma decisões é apenas o professor, onde lições e exercícios sem significação são impostos, onde a interação social não regula as ações, que se pretende que o aluno seja leitor e produtor de textos.

Situações como essas levam muitos alunos a se perguntarem sobre a razão de estarem estudando tais conteúdos e como e quando os usarão. Realizam atividades com textos de forma mecânica, passiva. A prática pedagógica não os estimula à reflexão. E, para ajudar a afastar ainda mais o aluno da prática de leitura, está o distanciamento da leitura propriamente dita de suas tarefas escolares.

Em pesquisa realizada pelas alunas do Curso de Pedagogia da Unipar - Universidade Paranaense de Umuarama, nas escolas públicas do Ensino Fundamental Primeiro Segmento durante o mês de março de 2003, constatou-se que os professores e alunos lêem muito pouco em sala de aula. Apenas 8,88% das aulas são gastos em leitura. Ou seja, a leitura feita pelos alunos gasta 3,8% da aula, a leitura feita pelo professor para explicação de conteúdos toma 4,3% da aula e para a leitura de fruição feita pelo professor para os alunos é gasto 0,78% da aula. Ou seja, em um dia de aula de 240 minutos, menos de 2 minutos são gastos para a apreciação de uma leitura de fruição com os alunos.

A falta de leitura para crianças, inclusive as que estão ainda fora da idade escolar resulta em um afastamento dos livros - peça fundamental e insubstituível para democratizar a cultura, promover debates, difundir idéias na sociedade. No Japão, a constatação de que as crianças não estavam lendo, levou o governo a uma pesquisa para identificar a causa. A conclusão que chegaram foi que "Não se lê porque não se gosta, não se gosta porque não se adquiriu o hábito, não se adquiriu o hábito porque os adultos - pais e professores, principalmente - deixaram de ler para as crianças".

Para aprender a ler, para gostar de ler, para ler bem, é preciso que os alunos sejam expostos a situações de leitura. É preciso que ouçam e entendam a leitura que

fazem. É preciso que comentem o que ouviram e o que leram: o comentário força a leitura a ter sentido e não se mera sucessão de sons provocados pela correta decodificação dos sinais sobre a página (...). (MEC, 2001).

Para que uma criança leia é necessário, antes de tudo, o conhecimento técnico da leitura, o como fazer. Mas para que essa atitude se incorpore e esteja presente no dia a dia da criança, é preciso que ela se sinta impelida pela força das palavras a experimentar o ato de ler. Desse modo, descarta-se totalmente a obrigação de leituras de textos que tem a intencionalidade exclusiva de se ensinar gramática e conceitos. E ainda, não utilizar leituras nas aulas leva o professor a situações confusas. Como se pode querer que o aluno domine a grafia das palavras e a gramática se este não lê? Ler pouco leva o aluno a escrever mal, o que também faz limitar o vocabulário.

Quando o professor pretende formar leitores, deve estar disposto a mudar e enriquecer a sua forma de trabalhar (...) utilizar diferentes tipos de textos (...) criar situações de contato e manipulação dos diferentes suportes de textos (...). Criar situações reais de leitura, solicitando ao aluno que leia tendo um objetivo em vista(...). Utilizar diferentes objetivos de leitura para que o aluno desenvolva a metacognição (...). (Resende, 2000, p.25)

No ensino brasileiro, onde o livro didático orienta a maior parte do trabalho docente, parece não haver uma convivência harmoniosa nem com ele mesmo e nem com outras obras, o que faz reduzir a leitura e destruir as possíveis vontades ou curiosidades dos leitores durante a fase da escolarização. A leitura parece ficar do lado de fora da sala de aula, os professores não a incorporam ao universo de ensino.

A escola é um espaço privilegiado para o ensino da leitura e da escrita, já que é nela que existe todo um ambiente preparado para isso, onde as televisões são desligadas, onde não há telefones tocando, onde as crianças interagem com os colegas e com a diversidade textual da escola e da comunidade, ou seja, onde se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. É direito de o aluno ter acesso a ler e a escrever em boas condições, com materiais apropriados e professores bem preparados.

Para que aconteça a mágica de transformar simples códigos em palavras é de fundamental importância a atuação mediadora do educador e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade para qualquer cidadão, como são o ler e o escrever.

A tarefa de ensinar a ler e a escrever é um compromisso que deve ser assumido pela escola como um todo, independente das áreas do conhecimento científico, porque a leitura e escrita são utilizadas na escola e na vida e não apenas nas aulas de Língua Portuguesa como pensam vários professores. Existem diversos meios que os professores podem lançar mão para conseguirem realizar um trabalho de leitura e escrita prazeroso, como por exemplo ler todos os dias um texto interessante, para que os educandos percebam que

existem “coisas” legais nos textos como piadas, poesias, viagens interessantes, histórias reais e histórias inventadas, situações emocionantes e muito mais.

Não existe uma fórmula pronta para formar leitores e escritores, mas uma questão é real, embora a maior parte das informações hoje ocorra por meio dos recursos tecnológicos, ainda é o professor que orienta os primeiros passos para que se formem bons leitores e produtores de textos capazes de expressar seus pensamentos e seus sonhos.

CONCLUSÃO

Algumas crianças começam a aprender desde cedo, quando estão em casa, os rudimentos da leitura e da escrita. Outros, apesar de viverem no mundo das letras, passarão a usá-las na leitura e escrita apenas quando iniciarem a educação formal. Essa relação que a criança tem com a leitura e a escrita, desde a mais tenra idade, influencia no uso que a mesma faz dessas habilidades em idade escolar.

Que uma família de leitores é importante para a formação de uma criança leitora, não há dúvida, mas não é o único nem o principal meio. Que muitas escolas buscam não apenas alfabetizar, mas letrar o aluno, é evidente, mas não suficiente.

Para uma cultura de leitores é preciso ir além disso é preciso que se reflita sobre a possível ideologia que há nas expressões de muitos professores: “meus alunos não gostam de ler”, “não gosto de ler porque não me ensinaram a gostar”. Como nas ideologias as idéias podem estar erradas, incompletas, distorcidas e falsificando a realidade, essas expressões podem estar, desde há muito tempo, sendo usadas para mascarar o verdadeiro entrave que separa não apenas o indivíduo em idade escolar, mas um grande número da população brasileira, do uso efetivo da leitura e escrita.

O professor que se distancia das leituras de fruição em suas aulas, pode estar repetindo a dinâmica que seus professores desenvolviam na sala de aula, onde o prazer de ouvir não tinha voz nem vez, mas não apenas isso. Dizer que

os alunos “não gostam de ler” e conseqüentemente, “não gostam de escrever”, pode estar sendo usado por muitos, cada um, em seu nível hierárquico dentro do dever de educar, como uma desculpa que os desobriga da tarefa de ler. Se essas suposições são verdadeiras ou não, é tarefa que cada professor deveria buscar saber e entender. E assim, consciente do verdadeiro sentimento que desenvolveu pela leitura, independentemente da influência que tenha recebido ao longo dos anos ler para seus alunos. Ler pelo prazer de ler. Ler para que os alunos aprendam a ler. E sabendo ler, percebam se esse ato é de vontade própria, ou vontade alheia ao seu querer. E percebendo isso, não só escolham o que querem ler, mas, produzam o que quiserem que os outros leiam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª à 4ª série) Volume 2 - Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

RESENDE, A.S. O desafio de formar leitores. *Revista Presença Pedagógica*. N.34, p.17-25, jul/ago. 2000.

SOARES, Magda. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica. 1998

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo. Contexto. 2001

KAUFMAN, Ana María. *Escola, leitura e produção de textos*. Ana María Kaufman e María Elena Rodríguez; Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

<http://www.jt.estadão.com.br/suplementos/saba/2001/04/21/saba002.html>. Consulta realizada em 19 de julho de 2003

<http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/imgpisa/76.htm>. Consulta realizada em 12 de julho de 2003